UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
***CAMPUS* AVANÇADO DE PATU**
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS

DÉBORAH EVELYN DOS SANTOS LIMA

O SILÊNCIO QUE FALA: UMA ANÁLISE DA OBRA *O GRITO DA GAIVOTA*, DE EMMANUELLE LABORIT

PATU – RN

2024

DÉBORAH EVELYN DOS SANTOS LIMA

O SILÊNCIO QUE FALA: UMA ANÁLISE DA OBRA *O GRITO DA GAIVOTA,* DE EMMANUELLE LABORIT

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras-Língua Portuguesa, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e respectivas Literaturas.

Orientadora: Profª. Esp. Marília Daniela Pereira Lino

Linha de pesquisa: Literatura Surda e Cultura Surda

PATU – RN

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei n° 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei n° 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catalogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

L732s Lima, Déborah Evelyn dos Santos
O silêncio que fala: uma análise da obra O grito da gaivota, de Emmanuelle Laborit. / Déborah Evelyn dos Santos Lima. - Patu/RN, 2024.
44p.

Orientador(a): Profa. Esp. Marília Daniela Pereira Lino.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Literatura Surda. 2. Resistência. 3. Escrita de Si. 4. Apagamento Social. 5. Emmanuelle Laborit. I. Lino, Marília Daniela Pereira. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC´s) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

DÉBORAH EVELYN DOS SANTOS LIMA

O SILÊNCIO QUE FALA: UMA ANÁLISE DA OBRA *O GRITO DA GAIVOTA*, DE EMMANUELLE LABORIT

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras-Língua Portuguesa, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e respectivas Literaturas.

Aprovada em: 02/12/2024.

Banca examinadora

Documento assinado digitalmente
gov.br
MARILIA DANIELA PEREIRA LINO
Data: 13/12/2024 10:41:01-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Esp. Marília Daniela Pereira Lino – Orientadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Annie Tarsis Morais Figueiredo

Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo – Examinadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Documento assinado digitalmente
gov.br
DANIEL SILVA GUEDES
Data: 16/12/2024 11:40:08-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Me. Daniel Silva Guedes – Examinador
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

À minha mãe, quem me fez ser tudo o que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a aquele em que busco refúgio diariamente para contar sobre mim. Obrigada meu Deus, por ser a luz que acompanha a minha vida. Sou grata por tantas coisas que fizestes por mim, que não caberiam aqui nem se eu escrevesse todos os dias.

Além dos meus agradecimentos, dedico este trabalho inteiramente a Andréia de Assis Santos, minha mãe. A mulher que, ao meio-dia, vendia roupas sobre os ombros para me proporcionar o melhor da vida. Mãe, obrigada por acreditar no poder transformador da educação. Sem o seu incentivo diário e a sua fé no ensino, jamais poderia estar aqui, escrevendo estas palavras. Do fundo do meu coração, você é a minha maior motivação.

Agradeço a minha avó Evinha Bezerra que sempre cuidou tão bem de mim, me aconselhando da melhor maneira. Assim como, agradeço ao meu tio Aurenildo Bezerra por sempre me incentivar a estudar e acreditar em mim, como também, a minha tia Ana Paula quem me ensina que somente através da educação conseguimos realizar sonhos.

Em especial, agradeço imensamente a minha orientadora Esp. Marília Daniela Pereira Lino por ter aceitado ser minha orientadora da monografia e tornar a pesquisa mais leve e produtiva. É alguém que admiro por toda a determinação e plenitude. Agradeço por ter acreditado em mim e na minha pesquisa.

Dedico este espaço também a uma etapa dentro da universidade que possibilitou que esse trabalho fosse realizado. Em um primeiro momento, agradeço a professora Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo quem me proporcionou participar do PIBIC e através do projeto, pude sentir a literatura. Gostaria de agradecer também aos professores(a) do *Campus* Avançado de Patu, em especial a Dra. Luciana Fernandes Nery e Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier por todos os ensinamentos. Agradeço também a professora Michelle Jardênia Araújo Rodrigues pelos conselhos e as orientações na construção deste trabalho.

Por fim, sou eternamente grata à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e a todos que trabalham nessa instituição para realizar sonhos. Obrigada a todos que de alguma forma, contribuíram com a minha jornada acadêmica.

Meu coração não é surdo a nada neste duplo mundo...

(Laborit, 2000, p.148).

RESUMO

A presente pesquisa parte do âmbito da Literatura Surda visando analisar a escrita de si enquanto meio de resistência contra o apagamento dos surdos em O Grito da Gaivota (2000), da escritora francesa Emmanuelle Laborit. Diante dessa perspectiva, serão observados aspectos como o ouvintismo enquanto ideologia dominante, a relevância das memórias da narradora autodiegética no combate aos discursos hegemônicos como a resistência ao escrever sobre si e sobre a experiência surda. Por esse sentido, o principal objetivo a ser analisado é a escrita de si como recurso de retaliação a práticas dominantes que realiza o descarte social da pessoa surda. Para tanto, como aporte teórico para falar sobre literatura, cultura e identidades surdas, utilizamos Karnopp (2008), Perlin (2016) e Skliar (2016); para dialogar sobre a escrita de si e a ação de escrever como forma de resistência, recorremos a Foucault (2001, 2004) e Kilomba (2019); para argumentar sobre a estrutura do texto literário, usamos Eagleton (2017), Doubrovsky (2005) e Arfuch (2010); para discutirmos sobre memórias, selecionamos Halbwachs (1990), Catroga (2015) e Klinger (2012); e por fim, para a metodologia em estudos literários, aplicamos Barbosa (1990) e Durão (2020). Ademais, através da análise de trechos literários entrelaçados com as contribuições dos teóricos, abordamos aspectos que envolvem a história dos surdos e o apagamento social, traçando um percurso que resulta na resistência de uma comunidade e uma restauração cultural.

Palavras-chave: Literatura Surda; Resistência; Escrita de Si; Apagamento Social.

ABSTRACT

This study is situated within the field of Deaf literature, focusing on analyzing self-writing as a form of resistance against the erasure of the Deaf community in *O Grito da Gaivota* (The Cry of the Gull, 2000) by French author Emmanuelle Laborit. From this perspective, aspects such as audism as the dominant ideology, the relevance of the autodiegentic narrator's memories in combating hegemonic discourses, and resistance through writing about oneself and the Deaf experience will be observed. In this sense, the main objective to be analyzed is the writing of the self as a tool of retaliation against dominant practices that contribute to the social dismissal of Deaf individuals. To achieve this, the theoretical framework includes Karnopp (2008), Perlin (2016), and Skliar (2016) to address literature, culture, and Deaf identities; Foucault (2001, 2004) and Kilomba (2019) to explore self-writing and writing as a form of resistance; Eagleton (2017), Doubrovsky (2005), and Arfuch (2010) to analyze the structure of literary texts; Halbwachs (1990), Catroga (2015), and Klinger (2012) to discuss memory; for the methodology in literary studies, we apply Barbosa (1990) and Durão (2020). Through the analysis of literary excerpts intertwined with theoretical contributions, this study addresses issues related to Deaf history and social erasure, outlining a trajectory that underscores a community's resistance and its cultural restoration.

Keywords: Deaf Literature; Resistance; Self-Writing; Social Erasure.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS 10

2 HISTÓRIA, MEMÓRIA E LITERATURA: O CONTAR SENSÍVEL DE UMA MULHER SURDA 15

2.1 A subjetividade em *O Grito da Gaivota*: um diálogo sobre autobiografia e autoficção 16

2.2 As memórias que denunciam o discurso hegemônico 20

3 A LITERATURA DO RECONHECIMENTO: 'OLHE PARA MIM, EU EXISTO!' 27

3.1 A escrita de si enquanto meio de resistência da pessoa surda 29

3.2 O deserto de exclusão do ouvintismo: crises identitárias 34

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 39

REFERÊNCIAS 42

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em *A arte de ler ou como resistir à adversidade* (2010, p.93), Michèle Petit diz: "a literatura ajuda a dar forma aos lugares onde viver, a se lançar e abrir caminho". Tendo isso em mente, a literatura possibilita o encontro com o outro, ao mesmo tempo que molda lugares, faz reexistir culturas e resgata vozes apagadas. A literatura, assim, pode ser utilizada como forma de resistência contra o apagamento social.

Na história, incontáveis vozes foram silenciadas por sistemas opressores que seguiam uma normatização estética. Diante disso, para manipular e centralizar uma única cultura pertencente a um único tipo de corpo, discursos carregados de estereótipos endeusavam o sujeito – que era branco, hétero e de classe social alta. Logo, qualquer corpo que fugisse da padronização hegemônica, se transformava em um alvo estético.

No entanto, como ressaltamos acima, a literatura emerge como possibilidade de resistência. Assim, no campo da literatura surda vem-se manifestando narrativas subjetivas que denunciam práticas abusivas de poder, ao tratar o outro – surdo, como culturalmente inferior e humanamente defeituoso. Por esse viéis, no livro (*Le Crie de la Mouette*) *O Voo/Grito da Gaivota* (1994) escrito pela francesa Emmanuelle Laborit, publicada pela editora Editorial Caminhos e traduzido por Ângela Sarmento em 2000 (edição que trabalharemos aqui), deparamos com uma narrativa que entrelaça as memórias de uma mulher surda que vivenciou práticas ouvintistas na França, em um sistema opressor que se iniciou na década de 1880 em Milão (Itália).

O exemplar da obra que analisaremos, conta com 27 capítulos que fazem referência a algum momento marcante na vida da autora. Entre eles, há uma nota ao leitor na qual esclarece que a narrativa se trata de um relato subjetivo contado pelo sentir de uma mulher – Emmanuelle Laborit. A princípio, a narração parte de uma sequência cronológica que perpassa pela infância da protagonista até a fase adulta em que se encontra redigindo a obra. Dessa forma, a narrativa é construída a partir das memórias do passado da narradora autodiegética, ressaltando as dificuldades que a mesma sente em viver no mundo moldado para os ouvintes.

A partir das memórias cronológicas da narradora, podemos refletir sobre alguns movimentos políticos que ocorreram na França em torno da comunidade surda e, também, aprofundar o olhar subjetivo da protagonista, Emmanuelle Laborit – que narra a própria história, para investigar a supremacia ouvintista da época. Sobre essa ótica, é interessante enxergarmos a obra não apenas como um relato subjetivo de uma mulher surda, mas

também entendermos que, para dentro de uma comunidade, é vista como um símbolo de resistência contra o apagamento de uma coletividade.

Ademais, a autora Emmanuelle Laborit é uma renomada atriz contemplada com o Prêmio Molière[1] após uma apresentação teatral de sucesso na França. Dedicada à luta dos direitos das pessoas surdas, tornou-se embaixadora da Língua Sinais Francesa (LSF), e diretora do Teatro Visual Internacional em Paris. Dessa forma, *O Grito da Gaivota* (2000) se tornou um clássico na literatura surda, e a referida escritora francesa é uma figura de relevância internacional na comunidade surda.

O Grito da Gaivota (2000), foi o primeiro livro a ser publicado por uma mulher surda na França. Segundo Laborit (2000, p.8) explica que "um livro é um meio de comunicação raramente proporcionado aos surdos". Dessa forma, a escritora comenta sobre o não conhecimento de outras obras publicadas no período da sua, e por isso, deseja que esse livro inquiete as pessoas, para que tenha mais alcance de todos os públicos. Assim, a narrativa intitulada *O Grito da Gaivota* (2000) faz referência ao apelido que a narradora recebeu dos seus pais quando criança, após gritar várias vezes na tentativa de ouvir a sua própria voz, produzindo um som semelhante ao de uma ave marinha.

A narrativa contada pela cosmovisão da protagonista Emmanuelle Laborit, evidencia memórias que, segundo a autora Gladis Perlin (2016, p.58) *inverte a ordem ouvintista*[2], que reconta o outro lado da história – na qual os surdos não fizeram parte, para denunciar práticas que colaboraram com o apagamento das identidades surdas. Por esse sentido, partimos dos seguintes questionamentos para que essa pesquisa pudesse ser realizada: [1] Como as memórias da narradora autodiegética pode contribuir contra o apagamento das pessoas surdas? [2] De que modo a escrita de si pode influenciar na resistência das pessoas surdas? [3] De que forma o ouvintismo implica na busca pela identidade da narradora autodiegética Emmanuelle Laborit?

Diante da estrutura desta pesquisa, buscamos investigar as seguintes indagações, partindo do objetivo geral, que é investigar a subjetividade presente em *O Grito da Gaivota* como relato de denúncia ao apagamento do povo surdo, aos objetivos específicos, que são; explorar a escrita de si como forma de resistência na obra *O Grito da Gaivota* de Emmanuelle Laborit; analisar a importância das memórias da narradora autodiegética como forma de denúncia a práticas ouvintistas; observar o ouvintismo

[1]É um prêmio teatral direcionado para pessoas do teatro que são revelação do ano. No caso da Emmanuelle Laborit, foi indicada e premiada no ano de 1993.
[2]Itálico nosso retirados da pesquisa intitulada *Identidades Surdas* de Gladis T. T. Perlin.

dentro da obra como um implicador na construção da narradora autodiegética Emmanuelle Laborit.

A obra *O Grito da Gaivota* (2000) aborda diversas temáticas sociais a serem pensadas. Dentre essas, algumas pesquisas já contemplaram questões como identidade, cultura, linguagem e até mesmo a escrita de si, na qual proponho investigar neste estudo. Contudo, o trabalho da autora Rosilene Aparecida Froes Santos, que consistem em uma dissertação intitulado "*Literatura surda: A escrita de si e a constituição identitária do Sujeito Surdo*" tem como *corpus* de pesquisa as obras *Le cri de la mouette* (1993) e *Despertar do silêncio* (2004) focando na narrativa e suas contribuições para a identidade do sujeito surdo.

No entanto, com objetivos analíticos de estudo semelhantes, é necessário exemplificar a diferença a qual proponho aqui. Neste trabalho, o foco é voltado para a escrita de si como forma de resistência contra o apagamento da comunidade surda, a fim de evidenciar as memórias da narradora – Emmanuelle Laborit, enquanto forma de denúncia aos discursos hegemônicos. Além disso, vamos observar o ouvintismo como um implicador na busca pela identidade surda da narradora protagonista. De acordo com as afirmações anteriores e pesquisas realizadas no *Google* Acadêmico/*SciELO*, não foi encontrado nenhum trabalho sobre a obra *O Grito da Gaivota* (2000) de Emmanuelle Laborit voltado para as especificações que listamos acima, motivos esses que contribuíram como objetivos a serem investigados.

Ao buscar um *corpus* de estudo para este trabalho, encontramos uma escassez de referências teóricas em torno da própria literatura surda, favorecendo assim, um interesse em aprofundar os estudos nessa área. Dessa forma, diversas inquietações surgiram a partir do pouco acervo literário do povo surdo. Ao analisarmos a partir de pesquisas realizadas por grandes teóricos da área – Karnopp, Skliar, Sá, Strobel e Neves, podemos entender o campo da literatura surda como algo que emerge na modernidade; logo, não há muitos materiais a serem explorados. Esse detalhe foi crucial para selecionarmos o *corpus* deste trabalho e delimitarmos questões a serem investigadas.

Com as informações anteriores e o avanço da tecnologia como um possibilitador da disseminação da cultura surda, ainda sim é existente uma carência nos discursos sociais relacionados aos surdos. Por isso, torna-se fundamental a socialização desta pesquisa para contribuir com as inquietações acerca da comunidade surda, que pode auxiliar com projetos futuros que englobem a mesma ou diferentes temáticas, como também, discutir

a relevância de obras como a do nosso *corpus*, para entendermos a importância da cultura/literatura surda na sociedade.

Em suma, esta pesquisa também é importante no âmbito acadêmico, uma vez que, no *campus* que estamos inseridos - *Campus* Avançado de Patu/RN, não há nenhum trabalho que explore a área da literatura surda ou a obra em questão, o que impossibilita a busca por pesquisas voltadas a esse campo. Assim como esta pesquisa, faz-se necessário muitas outras para aprofundar e elaborar diálogos acerca do assunto e abrir espaço para temáticas voltadas à comunidade surda.

Para que a pesquisa pudesse ser realizada, o procedimento da coleta de dados se caracteriza como bibliográfico, já que tem como base as teorias de outros pesquisadores e a procura de materiais que se adequem a esse estudo, como também, parte de uma revisão literária para explorar pesquisas já existentes.

Na presente pesquisa, buscamos teóricos que aprofundam o texto literário, bem como pesquisadores que exploram o campo da literatura surda para construir este trabalho. Dessa forma, direcionamos cada teórico-pesquisador de uma área para determinado tópico de discussão. Assim, para falar sobre literatura, cultura e identidades surdas, utilizamos Karnopp (2008), Neves (2015), Perlin (2016) Skliar (2016) e Sá (2010); para dialogar sobre a escrita de si e a ação de escrever como forma de resistência, recorremos a Foucault (2001, 2004) e Kilomba (2019); para argumentar sobre a estrutura do texto literário, usamos Eagleton (2017), Doubrovsky (2005), Arfuch (2010), Bosi (1988), Gancho (2021); para discutirmos sobre memórias, selecionamos Halbwachs (1990), Catroga (2015), Klinger (2012), Seixas (2001); e por fim, para a metodologia em estudos literários, aplicamos Barbosa (1990) e Durão (2020).

No que diz respeito ao método de pesquisa, utilizamos uma abordagem qualitativa, pois, investigamos aspectos subjetivos e analisamos seus significados, a fim de compreender melhor os objetivos traçados. Barbosa (1990, p.15) “o que chama de literatura é o trabalho com os significados responsáveis pela criação daquela multiplicidade de significados que tecem a tensão que envolve e desafia o leitor”. Por esse sentido, a pesquisa qualitativa trabalha com os significados e suas interpretações. Com isso, o estudo também se enquadra como exploratória, porque se propõe a explorar os referidos questionamentos já mencionados anteriormente. Pois, de acordo com Durão (2020, p.67) “a finalidade geral de toda e qualquer pesquisa é a produção de conhecimento novo”. Por esse viés, o que propomos explorar neste trabalho, são objetivos que ainda não

foram pesquisados de acordo com a realização da revisão da literatura sobre outros trabalhos.

O presente trabalho é organizado em capítulos de aspecto teórico-analíticos, que entrelaçam as contribuições teóricas com a análise dos objetivos de estudo. O capítulo intitulado “História, Memória e Literatura: o contar sensível de uma mulher surda”, apresenta, primeiramente, um diálogo em torno da classificação da narrativa, firmada no questionamento seguinte: “seria a obra *O Grito da Gaivota* (2000) uma autoficção ou autobiografia?” Em virtude disso, também investigamos como as memórias da narradora autodiegética podem denunciar discursos hegemônicos em torno da padronização de corpos e maneira de ser. No capítulo intitulado “A literatura do reconhecimento: ‘Olhe para mim, eu existo!’ Apresenta o conceito e as características da literatura surda, abordando a escrita de si presente na obra *O Grito da Gaivota* (2000) e o ouvintismo como ideologia dominante.

2 HISTÓRIA, MEMÓRIA E LITERATURA: O CONTAR SENSÍVEL DE UMA MULHER SURDA

> Aquilo que neste momento está prestes a começar a ler é nada mais nada menos que o testemunho de uma vida, visto pelos olhos de uma menina, contado pelo sentir de uma mulher (Laborit, 2000, p.4).

Neste capítulo, aprofundaremos algumas especificações da narrativa *O Grito da Gaivota* (2000), de Emmanuelle Laborit, como produção literária da comunidade surda. Ademais, vale salientar ao leitor que, por se tratar de uma construção voltada a comunidade surdo, analisaremos de acordo com essa fronteira. Assim, é comum encontrarmos obras que evidenciem uma identidade autoral dentro deste campo, que é o caso do *corpus* desta pesquisa. No entanto, surge a necessidade de propormos ao leitor um diálogo sob a linha dessa fronteira autobiográfica ao qual chamamos de autoficção.

Esta seção se divide em duas etapas. A primeira consiste em um diálogo entre autobiografia e autoficção, visando compreender as características que mapeiam a narrativa, a fim de evidenciar o teor existente na escrita do eu e qual é o nosso interesse, de fato, como objetivo analítico. No segundo, utilizaremos algumas rupturas da narrativa cronológica – a qual podemos chamar de memórias *invasivas* da narração, para destacarmos alguns movimentos históricos da época em que narradora menciona na narrativa que influenciaram na construção identitária da própria.

Além disso, devemos esclarecer ao leitor sobre algumas questões prévias na qual não aprofundaremos aqui nesta pesquisa. Ao lidarmos com obras literárias, é de interesse do leitor-pesquisador adentrar em algumas classificações acerca de narrador, personagem, espaço e ambiente. Neste trabalho, ao analisarmos uma obra autoral, em que a autora se menciona em diversos momentos na própria narração, fazendo uso da primeira pessoa, não cabe a esta pesquisa adentrar na categoria personagem, mas explorar a narradora autodiegética em sua história.

De acordo com Gancho (2004, p. 19) “não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturador da história”. Sob essa perspectiva, a narradora da obra *O Grito da Gaivota* (2000) relata sua própria experiência utilizando a primeira pessoa. Assim, o narrador autodiegético vivencia os eventos que descreve e, ao narrar sua própria existência e os acontecimentos durante a construção da narrativa, pode estabelecer uma proximidade mais íntima ou confessional com o leitor.

Ao referirmos espaço/ambiente como campo exploratório de uma narrativa, esclarecemos que a construção literária realizada por Emmanuelle Laborit, perpassa em seu país de origem, a França. No entanto, é existente a presença de outros lugares que compõem a sequência cronológica da narrativa. O ambiente abrange mais aspectos sociais, incluindo, em primeira instância, a escola, que é responsável por alterações no comportamento da narradora devido à exclusão da língua de sinais, bem como a casa dos pais que eram ouvintes, que aparece em maiores partes da narrativa, entre outros ambientes que a narradora seleciona para desenvolver a narração.

2.1 A subjetividade em *O Grito da Gaivota*: um diálogo sobre autobiografia e autoficção

Ao aprofundarmos em uma obra literária, existem algumas camadas na construção do texto que precisam ser exploradas com antecedência. Em princípio, ao escolhermos um livro para leitura, atentamos em seu gênero como gosto pessoal para debruçarmos com a história. Foi dessa forma que nos aproximamos da obra *O Grito da Gaivota* (2000). Com classificação de biografia em sua sinopse e autobiografia em estudos de pesquisadores acadêmicos, foi-se alimentado uma dúvida recorrente, o *corpus* desta pesquisa, afinal, seria uma autobiografia ou uma biografia? A própria autora Emmanuelle Laborit (2000, p.8) esclarece algumas perguntas que recebeu ao longo da construção do seu primeiro livro "ser eu própria a escrever? Contar o que tencionava escrever a alguém que ouvisse e traduzisse os meus sinais? Fiz as duas coisas. Cada palavra escrita e cada gesto encontraram-se como irmãos. Por vezes como gêmeos". Por meio dessa resposta, podemos entender que existe, dentro da narrativa, uma outra pessoa oculta, a qual transcreve os sinais da autora.

No entanto, como distinguir? Se realmente há essa troca de narradores-escritores dentro da narrativa, não se é perceptível. Por isso, destaca-se a necessidade de introduzir um outro gênero nessa análise: a autoficção. Na pesquisa *Autoficção brasileira: influências francesas, indefinições teóricas*, da autora Luciana Hidalgo, dialoga sobre as ideias do teórico Doubrovsky (2005, 212) que define a autoficção como uma "*variante* – itálico nosso, pós-moderna da autobiografia" pois mistura elementos ficcionais e autobiográficos. Assim, por esse meio, chegaríamos a uma possível resposta. Pois, de acordo com Gancho (2021, p.22) "numa análise de narrativas evite referir-se à vida pessoal do autor para justificar posturas do narrador; não se esqueça de que está lidando com um texto de ficção (imaginação), no qual fica difícil definir os limites da realidade e

da invenção". Pela perspectiva de Gancho (2021), cabe também esse pressuposto às autobiografias, pois não se tem como comprovar os fatos narrados pelo autor quando se existe a interpretação sobre os acontecimentos passados.

No entanto, ao levantarmos a hipótese da autoficção por algumas lacunas deixadas pelo autor, não queremos dizer que, de fato, seja uma. A princípio, em uma ficção, não necessariamente tudo precisa ser criação do autor. Para entendermos isso, o teórico Terry Eagleton (2017, p.97) explica que "ficção não significa essencialmente um texto que não é verídico. (...) As obras de ficção podem vir carregadas de dados factuais". Por esse sentido, podemos entender que, mesmo na estrutura do texto, possa existir uma troca entre a autora do livro para um escritor intérprete oculto, isso não significa que necessariamente se transforme em um fator que trate a narrativa como ficcional.

Uma vez que a autoficção é uma *variante* proposta por Doubrovsky (2005) da autobiografia, como podemos entender a própria autobiografia em si? O pesquisador Philippe Lejeune em *O Pacto Autobiográfico* (1975, p.16) define essa questão como "narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade". Dessa maneira, a autobiografia é a narração da própria vida de quem escreve – autor, seguindo uma sequência cronológica dos fatos expostos pelo narrador autodiegético.

Pois bem, com essa abordagem, são levantadas outras questões, como: o que de fato define o que é real ou fictício dentro de uma narrativa? Seria o lembrete do autor – leia como verdade, ou se trata das construções das narrativas que extrapolam os limites da realidade? Poderia alguém traduzir além dos sinais feitos pela autora, a multiplicidade de sentimentos que foram gerados ao rememorar um acontecimento marcante na vida da protagonista desta história? Ao refletirmos sobre essas nuances, não cabe a esta pesquisa adentrar nesses méritos e fechar em uma verdade absoluta, mas sim propor ao leitor um diálogo parcial, preservando o que foi dito e feito durante a narrativa, explorando uma escrita poética e crua na subjetividade da narradora autodiegética.

Por isso, o leitor precisa estar ciente de que a obra que iremos analisar não se enquadra, segundo a autora, como um relato documental ou um livro técnico-científico, mas sim o relato subjetivo de uma mulher surda. Logo, o *corpus* deste trabalho é centrado em uma única protagonista, do início ao fim. Vez ou outra, algumas memórias de terceiros – familiares, invadem a narrativa para construir o pensamento de Laborit.

Dessa forma, Eagleton (2017, p.115) comenta que "a melhor maneira de ver uma obra literária não é como um texto com sentido fixo, mas como matriz capaz de gerar

todo um leque de significados possíveis. Mais do que conter significados, a obra os produz". Por essa perspectiva, devemos preservar a multiplicidade de significados existentes dentro de uma narrativa, cabendo ao leitor essa tarefa de desvendar os mistérios por trás das palavras. Na mesma página, o teórico continua "não existe um significado que seja só meu, como um terreno que é propriedade minha". Essa menção de Eagleton (2017), se aplica tanto aos diversos olhares multifacetados do mundo literário quanto à classificação desta obra, pois cada leitor pode interpretar e se posicionar de diferentes maneiras.

Partindo para a estrutura própria do texto, no primeiro capítulo, intitulado como *Confidência*, podemos interpretar essa parte como uma aproximação sincera entre autor-leitor, com detalhes breves acerca dos próximos passos da narrativa. A partir desse capítulo especificamente, observamos um posicionamento externo à narrativa, como uma invasão da autora para desabafar sobre alguns empecilhos que acarretaram na construção do livro. Vejamos pela visão de Laborit (2000, p.8) sobre a obra "quando pensei fazer este livro, algumas pessoas disseram-me: "Não vais conseguir!" Vou sim! Quando resolvo fazer uma coisa vou até ao fim". Essa menção da autora acaba por revelar os bastidores prévios da construção de sua primeira obra, coexistindo essa proximidade entre autor-leitor.

Confidência é um capítulo que podemos entender como a parte da sequência cronológica proposta pela escritora. Sendo assim, ao seguir pelo próximo capítulo, que é o nome da obra – *O Grito da Gaivota*, a narradora autodiegética começa a narrativa intercalando entre o seu pensamento e as memórias dos outros – familiares. Essa troca de pensamentos da própria narradora para seguir um outro pensamento gerado por um parente, acontece da seguinte maneira; "a mãe disse" ou "disse o meu pai" e logo descreve a fala da mãe/pai e desenvolve uma cena. Assim, vai-se construindo a narrativa. Dessa maneira, o índice é destacado por cada experiência memorável da escritora. Conforme a autora Leonor Arfuch (2010, p.185) explica que:

> Não tanto a "verdade" do ocorrido, mas sua construção narrativa, os modos de (se) nomear no relato, o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto do olhar, o que se deixa na sombra; em última instância, que história (qual delas) alguém conta de si mesmo ou de *outro eu*. E é essa qualidade autorreflexiva, esse caminho da narração, que será, afinal de contas, *significante*.

Se tratando disso, a verdade, por vezes, se torna uma cortina que separa o público dos bastidores, tornando o espetáculo mais valioso. Em vista disso, é preciso sutileza no

olhar do leitor-pesquisador para enxergar além da comprovação da verdade do que foi dito ou feito durante a narrativa, entendendo a razão por trás das ações narradas que geram uma pluralidade de sentidos deixados pelo narrador autodiegético.

É a construção, segundo Arfuch (2010) que importa. São os ambientes, pensamentos e pessoas que tornam tudo interessante dentro de uma narrativa; não é a certeza da verdade ou ficção, mas a possibilidade entre as duas que desperta a curiosidade do leitor. Pois, nas palavras de Juan Mata (2007, p.121) "discutir é muitas vezes a consequência mais deliciosa da leitura" já que expande o campo da interpretação pessoal e provoca a curiosidade demasiada do leitor, que pode refletir sobre as possíveis respostas de perguntas hipotéticas criadas sobre a narrativa. Em concordância com Arfuch (2010, p.28) vejamos:

> Não se tratará então de adequação, da "reprodução" de um passado, da captação "fiel" de acontecimentos ou vivências, nem das transformações "na vida" sofridas pelo personagem em questão, mesmo quando ambos – autor e personagem – compartilharem o mesmo contexto. Tratar-se-á, simplesmente, de literatura.

Assim, a narrativa pela qual estamos investigando aqui apresenta não apenas os acontecimentos do dia a dia da narradora, suas experiências e, por vezes, algumas memórias coletivas que invadem a história, mas também as próprias interpretações pessoais de cada momento íntimo reveladas ao leitor. Averiguemos esse relato de Laborit (2000, p.8) que diz "este livro é uma dádiva da vida. Vai permitir-me dizer aquilo que sempre calei, quer em relação a outros surdos quer em relação àqueles que ouvem". Nesse sentido, a condição de gênero literário dentro desta narrativa é ofuscada pelas inúmeras criações, sejam elas verdadeiras ou ficcionais, descritas pela narradora. Pois existe uma mensagem a ser dita por trás das escolhas das palavras, dos cenários e das camadas narrativas; existe um motivo pelo qual o autor escreve o que escreve, e só um olhar alimentado pela curiosidade instigada pelo escritor poderá enxergar os duplos sentidos escondidos.

Como explica Eagleton (2017, p. 84) "sob esse aspecto, é válido pensar a narrativa como uma espécie de estratégia. Como qualquer estratégia, ela mobiliza certos recursos e emprega certas técnicas para atingir determinados objetivos". Assim, constroem-se os sentidos que invadem o mundo das interpretações, pois, ao tratarmos sobre literatura, nada é acaso.

Em razão disso, na obra *O Grito da Gaivota* (2000), ao aprofundarmos a estrutura do texto, a narradora evidencia as dificuldades que existem em ser surda profunda[3] dentro de uma sociedade ouvinte, que apresenta ao leitor a diferença entre os dois mundos e em como em um desses mundos – dos ouvintes, a narradora protagonista se encontra em desvantagem linguística. Em reflexo disso, o autor Alfredo Bosi (1988, p.284) comenta que "é preciso, portanto, descrever a aparência de um texto, a sua forma literária, tendo em vista o sentido, a intencionalidade que o significante alcança trabalhar linguisticamente". Pois bem, em *O Grito da Gaivota* (2000), da narradora autodiegética, através da sua cosmovisão, mostra ao leitor uma luta diária contra as barreiras da linguagem, detalhando momentos sociais de extrema relevância para a comunidade surda – que a partir da nossa interpretação, influenciaram no silenciamento da comunidade surda. Fazendo assim do seu relato não somente as experiências de uma mulher surda em uma sociedade ouvinte, mas também como uma mulher surda precisa resistir às inúmeras tentativas de apagamento social. Nesse contexto, Laborit (2000, p.27) comenta:

> Frieza quando por exemplo à mesa ninguém se preocupa em comunicar comigo. Bato na mesa violentamente. Quero "falar". Quero perceber que estão a dizer. Estou saturada de ser prisioneira daquele silêncio que ninguém se dá ao trabalho de romper. Eu esforço-me todo o tempo, eles nem por isso. Os que podem ouvir não se esforçam o suficiente. E guardo-lhes rancor por esse motivo.

A partir desse trecho, podemos observar a exclusão gerada pela barreira linguística e analisarmos que, através desse obstáculo, coexiste uma facilidade no apagamento social dos indivíduos surdos. Logo, a voz da narradora protagonista proporciona visibilidade a uma comunidade que, por muito tempo, foi silenciada. Por mais ficcional que aparente ser a quem leia, deve-se lembrar da resistência de um povo que, aos poucos, estão se constituindo socialmente pelas barreiras que foram erguidas ao longo da história. Pois, segundo Bosi (1988, p.275) "ler é colher tudo quanto vem escrito". Desde as camadas que constroem um texto literário até o efeito positivo ou negativo de um relato subjetivo pode transformar no olhar do outro.

2.2 As memórias que afogam o discurso hegemônico

[3]Ao mencionar surda "profunda", é necessário esclarecer que a própria autora - Emmanuelle Laborit, se identifica dessa forma. Assim, mantendo-se a autenticidade da referida escritora.

Ao aprofundar a narrativa, mapeamos alguns acontecimentos sociais que afetaram a construção identitária da narradora e se fazem relevantes mencionar. Esses acontecimentos, aparecem na narrativa de forma *invasiva* – itálico nosso, aos quais trataremos como rupturas da narração, pois quebram a sequência cronológica da narrativa para introduzir um acontecimento real do passado. No nosso *corpus,* é comum a narradora protagonista criar uma ruptura para detalhar com precisão alguma informação ao leitor. Vejamos, por exemplo, nesse trecho de Laborit (2000, p.32) que menciona Alfredo Corrado[4], "aquele homem diz que criou em 1976 [...] o teatro dos surdos de Vincennes. [...] Em Washington existe uma universidade, a Universidade Gallaudet[5], destinada aos surdos e foi ali que ele fez os seus estudos universitários". Dessa forma, podemos observar como são incorporadas essas rupturas à narrativa. Por essa ótica, utilizaremos as descontinuidades criadas pela narradora para analisar como essas memórias que quebram a sequência cronológica podem contribuir na luta contra discursos abusivos de poder.

No entanto, antes de explorarmos as memórias da narradora protagonista para compreender a relevância dessas lembranças no combate aos discursos hegemônicos, é necessário entender o que são esses discursos e como afetam a comunidade surda. Zacchi (2006, p. 11) conceitua discursos hegemônicos como "[...] são, portanto, aqueles usados para legitimar uma ideologia dominante e sustentar relações desiguais de poder". Refletindo por essa perspectiva, os ouvintes que acreditavam na fala pura (verbal) como único meio de comunicação, influenciavam em sua maioria, um discurso que estigmatizava o indivíduo surdo.

Esse discurso refletia a supremacia ouvintista[6] da época, que consistia em tratar a surdez como uma patologia e, também, reproduzia o diálogo do que podia ser aceito como normal na sociedade. As várias imposições contra a língua de sinais alimentavam o discurso do corpo e das maneiras de ser de forma perfeita, que precisava seguir os padrões hegemônicos. Nesse sentido, corpos que fugissem da padronização idealizada pela elite dominante – no caso dos indivíduos surdos a elite que mencionamos aqui são os ouvintistas, eram submetidos a propostas que se igualassem ao corpo ideal.

Após algumas tentativas de tornar a língua falada como única na educação dos surdos, na década de 1880 ocorreu uma conferência internacional no Congresso de Milão,

[4]Foi um intérprete americano fundamental na disseminação da cultura surda na França.
[5]Instituição de ensino superior projetada para pessoas surdas e com deficiência auditiva.
[6]Os termos que utilizaremos ao longo deste trabalho como ouvintistas, oralismo ou práticas oralistas, fazem parte da ideologia ouvintismo.

que, em sua maior parte, era representada por professores ouvintes[7] que se opuseram ao uso de sinais, assim aprovaram a proibição oficial da língua de sinais como parte da educação dos indivíduos surdos. Pensando nisso, Skliar (2016, p. 16-17) explica que:

> Como toda ideologia dominante, o ouvintismo gerou os efeitos que desejava, pois contou com o consentimento e a cumplicidade da medicina, dos profissionais da área de saúde, dois pais e familiares dos surdos, dos professores e inclusive, daqueles próprios surdos que representavam, hoje, os ideais do progresso da ciência e da tecnologia – o surdo que fala, o surdo que escuta.

A partir disso, o método oral foi adotado em muitas escolas na tentativa de que a prática oral pudesse substituir a língua de sinais. Dessa forma, tornou-se mais frequente a participação de ouvintes na solução contra a surdez, impondo métodos e idealizações para "curar" aqueles que não ouvem.

O oralismo, assim, se concretizou como uma prática violenta contra a comunidade surda, na qual muitos surdos sofreram um atraso educacional pela proibição da linguagem gestual[8]. Os ouvintistas conseguiram tornar dominante os meios oralistas e impor a sua língua como superior. Nesse sentido, Neves (2015, p. 48) explica que "[...] a ação do colonizador resulta na descaracterização do colonizado, há um esforço por parte do colonizador em tornar invisível o colonizado" sendo assim, o surdo é pressionado por uma ideologia dominante que lhe rouba a língua e a identidade, a fim de fazê-lo a imagem convencional. Assim, com esse domínio da elite ouvintista, a história da comunidade surda era contada pelos não surdos. Ou seja, não existia dentro da própria comunidade o protagonismo do sujeito surdo.

Dessa forma, por um tempo, não houve registros que pudessem esclarecer do ponto de vista do surdo, como essas práticas influenciavam na sua construção identitária. No entanto, o *corpus* selecionado desta pesquisa contempla os relatos de uma mulher surda que vivenciava a pressão oralista da época e, a partir das suas memórias, denuncia a falha do método oral nas escolas, bem como o declínio dos implantes cocleares na recuperação da fala.

Ao aprofundar a escassez das produções surdas, cabe destacar que estamos dialogando sobre um grupo heterogêneo de pessoas com classe social, cor e formas de pensar diferentes. Por isso, esses registros, em sua maior parte, são de indivíduos que

[7]Vale ressaltar que professores surdos também estavam presentes no congresso, mas por uma inferioridade foram negados ao direito do voto.
[8]É importante destacar que esse termo "linguagem gestual" é usado pela autora, pois assim era utilizado na França. Mas, esse termo entrou em desuso e foi-se substituído por "língua de sinais".

tiveram a oportunidade de possuir uma educação necessária para tal feito. As demais produções partem da comunidade ouvinte, entre médicos-pesquisadores que observaram os comportamentos dos sujeitos surdos.

Nas escolas, priorizava-se apenas o ensino da fala e do idioma de origem do país; não havia incentivo para produções literárias quando o foco era apenas a recuperação da voz. No entanto, mesmo com a abolição da Língua de Sinais na educação de surdos, existiam grupos de associações que reuniam pessoas surdas que compartilhavam interesses comuns e contavam histórias. Karnopp (2008, p.6) comenta sobre alguns materiais localizados em associações, escolas e em pontos de encontros dos surdos: "algumas dessas histórias são contadas e resgatadas por surdos idosos e/ou por surdos contadores de histórias". Dessa forma, a carência do acervo literário resulta da ausência dessas vozes que estavam direcionadas à missão de recuperar a fala.

Por essa razão, surge a necessidade de entendermos a influência das memórias da narradora como meio de denúncia aos abusos de poder. Para isso, ao investigarmos o *corpus* desta pesquisa, destacamos as seguintes classificações de memórias individual e coletiva. O sociólogo Maurice Halbwachs foi o primeiro teórico a aprofundar as especificações da memória individual em seu livro *A memória coletiva* (1990), partindo das interações sociais do sujeito e explorando a vivência coletiva como construção das memórias pessoais. Halbwachs (1990, p.51) ressalta que "[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva". Por essa perspectiva, o olhar subjetivo da narradora provém das relações sociais com o mundo ouvinte, sendo sua interpretação pessoal construída por momentos coletivos. Dessa forma, o autor Fernando Catroga (2015, p.11) comenta sobre:

> Na experiência vivida, a memória individual é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.) em permanente construção devido à incessante mudança do presente em passado.

Na construção da narrativa *O Grito da Gaivota* (2000), ao analisarmos a fase infantil da narradora, percebemos a fragmentação das memórias coletivas que embasavam o pensamento cronológico que a narradora relatava. Pelas perspectivas de Halbwachs (1990) e Catroga, (2015) observamos que a memória individual tece os acontecimentos grupais, estruturando o olhar subjetivo para narrar acontecimentos sociais.

Ademais, ao tratarmos sobre as memórias enquanto mecanismo de denúncia aos discursos de poder produzidos pela elite ouvintista, estamos lidando com um processo de restauração de identidades e a (re)existência de culturas descartadas. A autora Diana Klinger (2012, p.20) comenta que "desde o retorno da democracia, a recuperação da memória e a luta contra o esquecimento definem boa parte das práticas culturais e literárias desse país". Por esse viéis, o que é ressaltado por Klinger (2012) é um resgate de tradições culturais por meio das memórias, que, após esse retorno de um sistema político democrático, tornam o ato de rememorar capaz de recuperar práticas apagadas socialmente. Klinger ainda ressalta (2012, p.21) que a memória "não é mais dispositivo ao serviço da conservação dos valores de classe mas, pelo contrário, funciona como testemunho e legado de uma geração que precisamente teve um projeto de mudança de valores". Sob esse aspecto, a memória serve como recurso para o não apagamento de culturas marginalizadas socialmente, mantendo-se um legado cultural vivo.

Em *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível* a pesquisa *Percursos de memórias em terras de hitória: problemáticas atuais* da escritora Jacy Alves de Seixas (2004, p.51), explica que a memória "introduz o passado no presente sem modificá-lo, mas necessariamente *atualizando-o*; é preciso considerar atentamente que o passado é por via de regra plural, um pulsar da descontinuidade". Assim, ao despertar uma memória, é comum lembrarmos do processo de envelhecimento entre passado-presente, que, mesmo sendo preservado na recriação de uma memória, pode ter a sua originalidade distorcida pelo subconsciente humano, alterando a forma que interpretamos atualmente.

Logo, explorar a memória como recurso narrativo é observar a dimensão dos acontecimentos passados por uma nova perspectiva, seja ela boa ou ruim. Por isso, escritores que exploram a si mesmos como recurso narrativo utilizam memórias não como uma reprodução fiel do passado, mas como matéria-prima criativa. Ao longo da história, fragmentos sociais podem surgir como influências que dialogam com a construção do narrador. Essas referências não buscam uma representação exata da realidade, mas sim despertam um interesse nas ações coletivas e em como elas ressoam na subjetividade do autor, contribuindo para a construção de sua narrativa literária. Sob influência disso, por meio das memórias da narradora protagonista, percebemos como acontecia na prática o processo de oralização nas escolas e em como o seu relato foi e é necessário na resistência contra o domínio ouvintista. Vejamos pela perspectiva de Laborit (2000, p.43):

> Na escola não gosto das professoras da classe dita de integração". Querem que eu me assemelhe às crianças que ouvem, impedem-me de fazer gestos, obrigam-me a falar. Com elas fico com a sensação de que é preciso esconder

> que se é surdo, imitar os outros como um pequeno robô, quando afinal não percebo metade do que se diz na aula.

Através dessa memória, podemos observar em como o método educacional de oralização consistia em fazer com que o surdo imitasse o movimento dos lábios do professor em sala, não priorizando o conhecimento básico de disciplinas necessárias para o crescimento intelectual humano, mas sim o foco na restauração das cordas vocais para tornar o surdo um falso ouvinte. Desse seguinte modo, as memórias da narradora, além de possibilitar uma possível recriação do passado, podem distorcer a falsa realidade imposta pela soberania sobre a recuperação da audição, que são capazes de denunciar a discriminação contra os sujeitos surdos.

Seixas (2004, p.47) comenta que: "a memória é portanto, algo que 'atravessa', que 'vence obstáculos', que sempre 'emerge', que irrompe [...]". A memória é, por sua vez, recurso contra o silêncio, pois permite que o indivíduo surdo, a partir da sua visão de mundo, narre para o leitor um outro lado da história da qual ele também fez parte. Por isso, a memória atravessa discursos equivocados, viabilizando um outro ponto de vista.

O discurso ouvintista além de considerar a língua de sinais vulgar, gerou pontos negativos no autorreconhecimento surdo, como a inferioridade linguística, a culpa por ser surdo e o constrangimento pela comunicação gestual. Observemos a descrição de Laborit (2000, p.46) sobre "as pessoas em França têm um certo pudor em usar a língua gestual. E eu apercebi-me desse pudor. Preferem esconder-se como se tivessem algum defeito vergonhoso". Com o discurso cômodo da elite ouvintista em fazer o surdo se portar como ouvinte, a autopercepção de como o surdo enxerga a si mesmo se torna frágil, pois o espelho humano precisa refletir uma imagem convencional. Essas indiferenças propagadas pela soberania ouvintista, compactuavam com a discriminação contra os sujeitos surdos.

A escritora brasileira Ecléa Bosi (1979, p.29) menciona que "a narração da própria vida é o testemunho mais eloqüente dos modos que a pessoa tem de lembrar. Ê a sua memória". Em razão disso, a narrativa deste *corpus* apresenta memórias de afinidade e interações com o outro, além da narradora utilizar dessas lembranças como recurso para descrever ao leitor o porquê desses métodos orais não se adequarem ao povo surdo, pois esses meios não pactuavam com o reconhecimento/aceitação individual sobre a surdez, já que desconsideravam o posicionamento desses sujeitos.

Por esse motivo, na obra *O Grito da Gaivota* (2000) da narradora autodiegética, exploramos suas memórias como recursos analíticos para entendermos os movimentos

sociais da época e em como as memórias influenciam na restauração de um povo, denunciando atos que contradizem com discursos em torno da educação e da qualidade de vida. Pois, ao pensarmos em como a narrativa entrelaça as experiências e o olhar subjetivo de uma mulher adulta que vislumbra seu passado como instrumento de apoio ao autorreconhecimento surdo, devemos observar os fragmentos históricos que engendram na construção da autora e em como geram efeitos negativos na autonomia surda.

Observemos Laborit (2000, p.48) ao afirmar "sou surda não quer dizer: 'Não ouço.', Quer dizer: 'Compreendi que sou surda'. Pela sua visão, a surdez transcende a mera afirmação sobre não ouvir; é o reconhecimento sobre a sua própria identidade. Essa autoafirmação sobre ser surda parte do contato com a língua de sinais, que a proporciona desenvolver-se individualmente como ser humano comunicante e socialmente, ao refletir sobre como é cômodo para a elite ouvintista implantar um sistema educacional que visa apenas o esforço do sujeito surdo. Vejamos uma recordação de Laborit (2000, p.51) sobre uma festa em sua casa:

> Toda a gente sabe falar, só lá estão pessoas que ouvem, sinto-me isolada como sempre em idênticas situações. [...] Os lábios mexem, as bocas sorriem, abrem-se e fecham-se numa rapidez alucinante. Primeiro observo com toda a atenção e depois farto-me. Sou mais uma vez invadida pelo aborrecimento, aquele deserto de exclusão.

A partir desse trecho, percebemos a fronteira que a linguagem ocasiona entre duas pessoas, uma ouvinte e uma surda, e como é favorável para aqueles que nascem em uma sociedade que, em sua maioria, partilha do uso oral/auditivo para se comunicar e coexistir. No caso dos surdos, não é apresentada de imediato a uma língua na qual possam se constituir socialmente; não existe o eu ou o outro, e sim um acumulado de acontecimentos sem nome e sem distinção.

Em vista disso, a memória como elaboração literária, possibilita aprofundarmos em relatos subjetivos – como este, observando as lacunas sociais por uma perspectiva marginalizada. A fim de analisarmos, através das percepções da narradora a história (re)contada por alguém que vivenciou o sistema oralista e, consequentemente, teve que lidar com o distanciamento cultural do seu povo.

3 A LITERATURA DO RECONHECIMENTO: ‘OLHE PARA MIM, EU EXISTO!’

> É como uma sede insaciável de dizer coisas, das mais superficiais às mais sérias (Laborit, 2000, p.54).

Como mencionado anteriormente, o *corpus* deste trabalho faz parte das produções literárias das pessoas surdas. Por esse motivo, ao iniciar este capítulo, se faz necessário compreendermos o que é literatura surda e qual a sua importância dentro da comunidade surda. Ademais, a obra *O Grito da Gaivota*, publicada em 1994 por Emmanuelle Laborit, contempla o período que podemos chamar de literatura surda contemporânea. Com a chegada da tecnologia, foi possível produzir e ter acesso às primeiras publicações literárias dos surdos. Na pesquisa intitulada *Literatura Surda* da pesquisadora Lodenir Karnopp (2008, p.2) ressalta que “o registro da literatura surda começou a ser possível principalmente a partir do reconhecimento da Libras e do desenvolvimento tecnológico”. Assim, quando adentramos na área da literatura surda, é difícil tratarmos sobre publicações dos séculos passados, visto que a grande maioria das obras literárias são originárias do século XXI.

Karnopp (2008) menciona sobre o reconhecimento da Libras no Brasil, que devemos lembrar que foi no ano de 2002 e a publicação da obra do nosso *corpus* foi no ano de 1994, na França, com o apoio da Associação de Famílias e Amigos dos Surdos (AFAS). É importante observar essas datas para que o leitor entenda que essas publicações emergem quase agora; não estamos analisando um *corpus* de séculos passados, o que evidencia que a literatura surda é um movimento recente, marcado por um apagamento social na história. Por isso, devemos questionar e explorar a história que envolve a comunidade surda, já que não estamos dialogando sobre um grupo que surgiu recentemente na sociedade.

Nesse sentido, embora a aparição de publicações surdas no mundo moderno tenha se intensificado, os estudos que abordam o campo literário surdo continuam sendo escassos. Dessa forma, Karnopp (2008, p.15) explica que “[...] utilizamos a expressão ‘literatura surda’ para as produções literárias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes nos textos e/ou nas imagens”. Assim, a literatura surda é composta por todo e qualquer texto produzido para um sujeito surdo ou por ele mesmo, a fim de contribuir na disseminação da cultura de uma comunidade.

Em *O Grito da Gaivota* (2000), a narrativa não é construída a partir da língua de sinais, pois tem a intenção de alcançar vários públicos. Sendo assim, narra-se em uma segunda língua, o francês escrito. Conforme explica Petit (2010, p.69) "oral ou escrita, a literatura é uma oferta de espaços". Nesse sentido, a literatura possibilita o (re)conhecimento cultural de minorias e, ao mesmo tempo, proporciona lugares de fala a grupos marginalizados que buscam afirmar suas raízes culturais.

Assim, ao olharmos para a comunidade surda, devemos ter em mente os espaços que a literatura surda viabilizou para sujeitos apagados pela sociedade, que resistem contra a repressão social. Por isso, atribuir sua voz ao texto literário, encoraja outros sujeitos surdos a fazerem o mesmo e permite que outras comunidades colaborem na luta pelo reconhecimento social desse grupo minoritário.

Sobre a cultura surda, pesquisadora Karin Strobel (2008, p. 22) comenta: "[...] é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais". Ou seja, cultura e literatura surda estão interligadas uma à outra, ambas contribuem significativamente para a comunidade surda.

É importante enfatizar que, a literatura surda, por estar relacionada com às produções da comunidade surda, é comum que algumas obras não sejam feitas na língua de sinais, que é o caso do *corpus* deste trabalho, assim como, *No Meu Silêncio Ouvi e Vivi* (2005), de Olindina Coelho; *A Bela do Silêncio* (2008), de Brenda Costa e *A Verdadeira Beleza* (2009), de Vanessa Vidal. Essas obras de cunho autoral são de escritoras surdas brasileiras que fizeram uso da língua portuguesa em suas criações. Portanto, a literatura surda não se encontra *fechada*[9] e nem *demarcada*, segundo Karnopp (2008), apenas para produções de autoria surda; outros grupos podem contribuir para o engrandecimento da cultura surda.

Dessa forma, a literatura surda surge como uma ponte entre o desejo de dizer e a coragem de falar. Em concordância com isso, a importância da literatura surda para a comunidade surda é significante na construção identitária de uma pessoa com surdez, pois permite que o outro fale e se encontre em outros relatos, que podem fortalecer o que intitulamos a partir da pesquisa de Karnopp (2008), a literatura do reconhecimento; para que sujeitos marginalizados possam contar as culturas que foram apagadas pela sociedade, viabilizando as produções e manifestações artísticas.

[9]Itálicos nossos retirados da pesquisa *Literatura Surda* de Lodernir Karnopp (2008, p.4)

Por fim, este capítulo se divide em duas seções. A primeira consiste em explorar a escrita de si como forma de resistência da comunidade surda, enquanto a segunda contempla a análise do ouvintismo como um implicador na busca pela identidade surda da narradora protagonista.

3.1 A escrita de si enquanto meio de resistência da pessoa surda

Na literatura surda, como ressaltamos, é comum produções literárias subjetivas. Por esse motivo, com o surgimento das produções da comunidade surda no mundo contemporâneo, outro fenômeno que engloba a subjetividade emerge: a escrita de si. A princípio, foi o teórico Michel Foucault em seu ensaio *A Escrita de Si* (2001), quem desencadeou essa dimensão afetiva sobre si, destacando a importância de se ter domínio sobre a própria existência. Sendo assim, Foucault (2001, p.268) argumenta que "na escrita, não se trata de manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não pára de desaparecer". Nesse sentido, a escrita de si se torna um meio pelo qual o indivíduo, que luta contra o apagamento social, encontra uma forma de manifestar sua existência.

No entanto, por mais que produções da comunidade surda sejam manifestações da contemporaneidade, a teórica Klinger (2012, p.19) explica que "é preciso levar em conta que a escrita de si aparece como um sintoma do final do século, não significa que ela seja uma novidade (...) pois a escrita de si tem uma presença forte na nossa história". Em um contexto sobre narrativas latino-americanas contemporâneas, Klinger (2012) especifica que, por mais que a escrita de si seja um movimento que cresce na modernidade, há uma influência subjetiva na reconstituição da história de um povo através dessas narrativas.

Por isso, a escrita de si, dentro da comunidade surda, se apresenta como uma forma de resistência ao fazer esse resgate cultural de um povo. Dessa forma, a escrita de si tem essa presença forte, que Klinger (2012) menciona, para reconstruir uma história de apagamento. Em partida disso, no *corpus* desta pesquisa, evidencia-se uma outra perspectiva, a qual foi proposta pelos discursos ouvintistas, em que a narradora protagonista entrelaça suas experiências com o processo de oralização discutido por profissionais da época, ressaltando que os modos para tornar o surdo em um ouvinte prejudicavam a constituição identitária do sujeito surdo, desvalorizando sua identidade.

Nídia Sá, em seu livro *Cultura, Poder e Educação dos Surdos* (2010, p.77), resume a história dos surdos como:

> Em síntese, a história dos surdos, contada pelos não surdos, é mais ou menos assim: primeiramente, os surdos foram "descobertos" pelos ouvintes; depois, foram isolados da sociedade para serem "educados" e, afinal, conseguirem ser como os ouvintes; quando não mais se pôde isolá-los, por que eles começaram a formar grupos que se fortaleciam, tentou-se dispersá-los, para que não criassem guetos.

Por meio desse resumo proposto por Nídia Sá (2010), podemos perceber como é valioso uma publicação autoral surda, uma vez que enxergamos uma outra realidade daquilo que vinha sendo constituído pela história, já que na literatura tradicional, as narrativas dominantes pertenciam aos colonizadores[10]. Vejamos Laborit (2000, p.58) comentar sobre um diálogo após fazer o uso da língua de sinais em uma escola oralista que frequentava:

> "É estritamente proibido fazer publicidade à língua gestual no interior desse estabelecimento."
> "Eu só queria mostrar-lhes como é a dactilologia."
> "Não há discussão. Proibido é proibido."
> (...) Estamos em 1984, não possuo o dom da futurologia e entretanto estou condenada a sofrer aquela lei do silêncio. É o cúmulo! A língua que me franqueou o mundo e me permitiu compreender os outros, a língua dos meus sentimentos, das situações, é-lhes interdita?

Por meio desse diálogo, compreendemos o que Nídia Sá (2010) comenta sobre o isolamento dos sujeitos surdos para que não se fortalecessem. A partir disso, analisamos o silenciamento imposto pelas escolas oralistas em uma tentativa de impedir que a língua de sinais se disseminasse através dos surdos, como uma forma de controle dessas minorias. Assim, manifestações contra as formas de controle da elite ouvintista oportunizava o alcance das vozes marginalizadas na luta pelo (re)conhecimento. Dessa maneira, Laborit (2000, p.59) se manifesta:

> Como é que se vive quando não há resposta ou então a resposta é: "Lê nos lábios,", "Compreende o que puderes", "Arruma de qualquer maneira na tua cabeça",, "Leva anos a pôr as coisas no sítio", "Fala, tens uma voz esquisita e não te entendemos, mas fala, que hás-de conseguir", "Não tires o aparelho; **articula; imita-me**[11]",. Ou seja: arranja-te como puderes para te fazeres à minha IMAGEM.

[10]Diálogo proposto pela pesquisadora Neves em sua dissertação intitulada *Literatura Surda: Uma Literatura Desconolizadora?* (2015, p.18)
[11]Destaque em negrito nosso.

Através desse trecho literário, vemos como a narradora se posiciona diante dos descasos contra os sujeitos surdos, evidenciando que essas práticas orais estavam mais relacionadas com a estigmatização do indivíduo surdo. Por isso, a escrita de si também é construída sobre as injustiças cometidas a comunidade surda, reconhecendo que a surdez preenche um vazio que a sociedade ouvintista criou ao acreditar que faltava algo, quando – de acordo com a narradora, não faltava nada. Conforme Foucault (2004, p.152):

> O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um 'corpo'. E é preciso compreender esse corpo não como um corpo de doutrina, mas sim - segundo a metáfora da digestão, tão frequentemente evocada - como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida em forças e em sangue.

Nesse sentido, o ato de escrever sobre si descoloniza o pensamento de uma doutrina enraizada que, por séculos, utilizava de discursos em torno da melhoria de vida para mascarar a discriminação contra sujeitos surdos. Por isso, o que é argumentado por Foucault (2004) ao mencionar que a escrita *transforma* (itálico nosso), é justamente modificar a ideia que o indivíduo tem sobre si mesmo, transformando-o em um ser que governa a sua própria existência, fazendo dele autônomo e resistente. Em concordância com isso, Grada Kilomba (2019, p.27-28) comenta que:

> Não sou o objeto, mas o sujeito. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. O poema ilustra o ato da escrita como um ato de tornar-se e, enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história.

Sob essa ótica, relembramos no trecho literário que selecionamos, as seguintes palavras expressadas pela narradora (2000, p.59) “articula; imita-me”. A partir dessas colocações, é possível perceber o que Kilomba (2019) esclarece sobre escrever ser um ato político, já que a classe dominante – os ouvintistas, colocava o sujeito surdo na posição de objeto a ser consertado, negligenciando o próprio indivíduo. Por essas razões, quando o sujeito marginalizado quebra o silêncio e o esse apagamento social, entendemos que, de fato, escrever sobre si é um ato político. Pois, as várias horas articulando e imitando os movimentos dos lábios na busca de uma cura idealizada fazem com que escrever se transforma em forças e em sangue – proposto por Foucault (2004), contra o descarte social.

Ademais, a escrita de si não se estabelece como uma forma de proteção contra ações discriminatórias; ao contrário, o que estamos discutindo aqui é sobre a escrita de si inquietar, denunciar ações discriminatórias contra um povo. Por isso, a resistência. Resistir não significa se esconder, mas se mostrar. Como Foucault (2004, p. 156) comenta sobre “escrever é, portanto, "se mostrar", se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” assim, mesmo com os poucos documentos relacionados à comunidade surda e à escassez literária dentro da literatura surda, esses conhecimentos partem de sujeitos que se mostraram contra esse apagamento, preservando uma cultura que, ao decorrer dos anos, vem se constituindo sobre essas vozes.

Diante da narrativa, a narradora protagonista que envelhece ao decorrer dos capítulos, ao perceber que suas maneiras de se manifestar contra a realidade oralista não vêm suprindo o efeito que desejava, começa a esgotar-se. Vejamos Laborit (2000, p.64) narrar:

> Decidi não fazer mais nada nas aulas. Estou saturada daqueles cursos, saturada de ler nos lábios, saturada de me esganiçar para fazer sair os guinchos da minha voz, saturada de história, de geografia, até do francês, saturada de professores que só me desencorajam, que não param de ralhar comigo, saturada de mim mesma no meio dos outros. A realidade desgosta-me.

Através desse trecho literário, é perceptível o cansaço que a narradora enfrenta ao revidar o sistema de oralização. Assim, imaginemos como é difícil derrubar uma doutrina formada por sujeitos que se apoderam dessas minorias, empregando falas que preservam a padronização nesses corpos para se igualarem. Dessa forma, escrever sobre si muitas vezes é se expor a uma realidade criada por outros. Nessas circunstâncias, Dalcastagnè (2012, p.60) evidencia: “pensem no quanto é grande o desejo de escrever, para que essas pessoas se submetam a isso – a fazer o que ‘não lhes cabe’, aquilo para o que ‘não foram talhadas’. Portanto, a escrita de si abre espaço para essas vozes marginalizadas que se encontram esgotadas em uma realidade talhada, resistir.

Dessa forma, a Emmanuelle Laborit (2000, p.65) comenta sobre o que vem sendo discutido acerca do controle e as ameaças à identidade surda: “aos treze anos sou contra o sistema, contra a maneira como as pessoas que ouvem gerem a nossa sociedade de surdos. Tenho a sensação de ser manipulada, que querem à força apagar a minha identidade como pessoa surda”. É importante observar nesse excerto uma forma de denúncia aos abusos de poder por aqueles que ouvem, numa tentativa de apagar à força (termo usado pela narradora) a identidade surda. Aqui, reforçamos o que já vem sendo

analisado sobre a resistência contra o apagamento desses sujeitos, uma vez que existe uma força maior que compactua com o desaparecimento dessas vozes. Complementa a narradora na mesma página:

> A surdez é a única "deficiência," que não se vê. Vêem-se pessoas em cadeiras de rodas, percebe-se logo se uma pessoa é cega ou mutilada, mas a surdez não se vê e por conseguinte os outros querem apagá-la uma vez que não é visível. Não compreendem que os surdos não tenham vontade de ouvir. **Querem-nos semelhantes a eles próprios**, com os mesmos desejos, com as mesmas frustrações. **Querem preencher uma lacuna que nós não temos**.[12] Ouvir quero lá saber Não me apetece, não me faz falta, não sei o que é. Não se pode desejar uma coisa que se ignora.

Observamos, a narradora colocar a palavra *deficiência* (itálico nosso) entre aspas, vale ressaltar que esse termo parte de uma visão capacitista da medicina da época, em que consistia em limitar a surdez a uma deficiência. Então, vejamos que a problemática que reside em torno da história dos surdos é criada por sujeitos que insistiam na padronização desses corpos. Por isso, a idealização em tornar o surdo semelhante ao ouvinte, com os mesmos desejos e frustrações – segundo a narradora, parte de uma história na qual, por anos, o surdo foi visto como alguém incapaz de pensar e, logo, não poderia sentir o que um corpo normalizado socialmente sentiria.

Por essa ótica, nota-se que a escrita em torno de si, presente na narrativa *O Grito da Gaivota* (2000), resgata uma versão que é descartada pela história. Ginzburg (2010, p.2) ressalta que "o problema do valor no texto, da relevância da escrita, não se insere em um campo de autonomia da arte, mas é lançado no campo abrangente dos direitos civis, em que a escrita é vista como enunciação posicionada em um campo social marcado por conflitos". Nesse viéis, a escrita de si não é lançada em um campo socialmente estável, visto que, pela perspectiva proposta por Foucault (2001), o sujeito que escreve está em uma posição de desaparecimento pela sociedade. Dessa maneira, a escrita de si é mais que uma enunciação, pois, representa um espaço de fala em situações conflituosas.

Ademais, a escrita de si, presente na narrativa *O Grito da Gaivota* (2000), manifesta a resistência que reside em Emmanuelle Laborit, que, através das experiências com o processo oralista, pode sentir o corpo-objeto sendo moldado à imagem dos ouvintes. Portanto, escrever sobre si enaltece a autodescoberta sobre a própria identidade da narradora surda, uma vez que a mesma sente na pele a discriminação contra a surdez,

[12]Destaque em negrito nosso.

narrando assim, sobre a perspectiva de alguém que vivenciou o sistema opressor e se manifestou contra o apagamento do seu povo.

3.2 O deserto de exclusão do ouvintismo: crises identitárias

Inicialmente, começamos nossa análise dialogando sobre as possíveis classificações acerca do gênero literário da obra, como também, as influências da memória da narradora como mecanismo de denúncia aos discursos hegemônicos e partimos para analisarmos a escrita de si como forma de resistência da comunidade surda. Por esse caminho, nessa seção discutiremos como o ouvintismo implica na busca pela identidade surda da narradora protagonista.

Ademais, vale salientar que os elementos levantados como objetivos analíticos ao percurso deste trabalho compõem o que analisaremos aqui como identidade surda. Em um primeiro momento, a autora Gladis Perlin (2016, p. 52) esclarece que "a identidade é algo em questão, em construção, uma construção móvel que pode frequentemente ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições". Por esse sentido, na narrativa *O Grito da Gaivota* (2000), podemos perceber uma construção na identidade da narradora autodiegética, uma vez que, sendo filha de pais ouvintes, o contato de Laborit, na infância, com a comunidade surda é limitado. Assim, o convívio social da narradora é influenciado boa parte pela cultura ouvinte.

Sobre essa ótica, podemos compreender o que Perlin (2016) menciona como construção móvel, essa fragmentação de culturas na coexistência da narradora. Pois, de acordo com Santana e Bergamo (2005, p.568), o sujeito "não pode ser visto dentro de um vácuo social. Ele afeta e é afetado pelos discursos e pelas práticas produzidos". Logo, a narradora é moldada pela sociedade em que está inserida, com ações políticas e culturas distintas. Na mesma página, os autores continuam: "mas o fato é que não existe uma identidade exclusiva e única, como a identidade surda". Por esse viéis, cabe entendermos a identidade surda a qual Perlin (2016) propõe como algo móvel, que se constrói de fato a partir das interações sociais. Em concordância com isso, Perlin (2016, p. 62-65), baseada nas concepções de Hall (2006), apresenta algumas categorias de identidades surdas para reforçar a presença heterogênea entre elas:

> **Identidades surdas**: estão presentes no grupo pelo qual entram os surdos que fazem uso com experiência visual propriamente dita.

> **Identidades surdas híbridas**: são os surdos que nasceram ouvintes, e que com o tempo se tornaram surdos.
> **Identidades surdas de transição**: (...) transição é o aspecto do momento de passagem do mundo ouvinte com representação da identidade ouvinte para a identidade surda de experiencia visual.
> **Identidades surdas incompletas**: representada por aqueles surdos que vivem sob uma ideologia ouvintista latente que trabalha para socializar os surdos de maneira compatível com a cultura dominante.
> **Identidades surdas flutuantes**: (...) estão presentes onde os surdos vivem e se manifestam a partir da hegemonia dos ouvintes.

Essas identidades surdas são algumas de várias constituições identitárias existentes na sociedade. Perlin (2016) apresenta essa diversidade de categorias para reforçar a ideia de que os sujeitos surdos não podem ser entendidos como um grupo de pessoas que pensam e agem da mesma maneira, justamente para desmistificar o pensamento que todos os surdos são iguais. Sendo assim, ao decorrer da narrativa, percebemos que as interações sociais da narradora se compõem para a formulação da sua própria identidade. Assim, é existente uma identidade fragmentada, como já ressaltamos, pois parte da influência de duas culturas diferentes. Vejamos na perspectiva de Laborit (2000, p.90):

> Sou um ser humano normal, com uma identidade. Como diz a minha mãe: "A Emmanuelle recusa ser considerada uma deficiente." É exacto. Para mim, a língua gestual corresponde à voz, os meus olhos são os meus ouvidos. Sinceramente, não me falta nada. É a sociedade que me torna deficiente, que me torna dependente daqueles que ouvem: a necessidade de pedir a alguém que traduza uma conversa, a necessidade de pedir a alguém quetelefone, a impossibilidade de contactar diretamente com o médico, precisar de legendas na televisão, tão raras em França.

Nessa passagem, conseguimos analisar dois aspectos que a narradora ressalta. A primeira, consiste no autorreconhecimento da sua própria identidade como um ser humano normal, capaz de realizar as mesmas ações que uma pessoa ouvinte. A segunda, ressalta que a sociedade, enraizada por ideias capacitistas, tende a pensar que o surdo necessita de uma outra pessoa para sobreviver. Esse posicionamento social, de acreditar que o indivíduo surdo precisa do outro para viver, parte tanto do capacitismo estrutural como de uma corrente preconceituosa (a qual analisaremos aqui) chamada de ouvintismo[13].

Por esse viéis, compreendemos o ouvintismo a partir das percepções de Skliar (2016, p.16) como um "poder vertical, absoluto". Logo, entendemos o ouvintismo como

[13]A pesquisadora Perlin (2016, p.59) explica sobre "academicamente essa palavra – ouvintismo – designa o estudo do surdo do ponto de vista da deficiência, da clinicalização e da necessidade de normalização.

um núcleo que é sustentado por ideias que consistem em transformar o surdo em um ouvinte. Assim, Skliar (2016, p.15) conceitua o ouvintismo como: "trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narra-se como se fosse ouvinte". Ou seja, essa prática colabora com os estigmas relacionados ao corpo surdo, que dificultam a busca pela identidade surda e o autorreconhecimento como ser atuante em uma sociedade. Em concordância com isso, observemos a passagem a seguir de Laborit (2000, p.90):

> Quando se é surdo, fica-se mais dependente dos outros do que aqueles que ouvem. Não queria que isso continuasse. E sobretudo não queria ter que continuar a suportar o ensino oralista. a pedagogia imposta estava a tornar-se num autêntico sofrimento. Estava a destruir a minha vida.

Contudo, essa dependência descrita pela narradora reforça o que ressaltamos acima sobre a incapacidade criada do sujeito surdo socialmente. Neves (2015, p.55) comenta sobre: "por mais de um século, os surdos ficaram subjugados ao pensamento ouvintista, ou seja, os ouvintes pensavam, falavam e decidiam por eles, os surdos". A partir dessa linha de raciocínio, construída pelo ouvintismo, que reforça o preconceito em achar que o sujeito surdo é frágil e incapaz de (inter)agir por si só.

Além disso, o ouvintismo como ideologia dominante poderia afetar na busca pela identidade surda da narradora autodiegética Emmanuelle Laborit? O ouvintismo constrói um espaço no qual o sujeito ouvinte é o centro. Em outras palavras, o ouvinte é a referência a ser seguida por esses indivíduos surdos. No *corpus* deste trabalho, a narradora se coloca em primeira pessoa (Eu/Nós) em diversos momentos da narrativa e também parte de um posicionamento político em torno de todos os sujeitos surdos. Por isso, podemos analisar essa questão por uma perspectiva mais ampla. Assim, imaginamos que um indivíduo surdo que cresce em uma sociedade onde a narrativa que prevalece consiste em valorizar o ouvinte como sujeito mais interessante de uma cultura a ser seguida. Sob essas condições, como a pessoa surda pode se ver como um indivíduo de valor?

Por essa indagação, que surge a necessidade de dialogar sobre o ouvintismo como um implicador na busca pela identidade surda da narradora, ao percebermos que ao decorrer da narrativa, essa ideologia pode afetar tanto a construção pessoal da narradora quanto um grupo que luta contra todo um apagamento social. Analisemos o seguinte trecho de Laborit (2000, p.94):

> Acredito firmemente na possibilidade do diálogo entre os dois mundos, as duas culturas. Vivo com pessoas que ouvem, comunico com elas, vivo com surdos e ainda comunico melhor, é natural. Mas o esforço que é necessário fazer para se conseguir essa comunicação, somos sempre nós que o fazemos. Pelo menos é essa a minha impressão pessoal. Procuro ainda, obstinadamente, a união nessas relações. Gostaria de ver desaparecer a desconfiança. Mas não consigo.

A narradora-protagonista em boa parte da narrativa, menciona sobre esse contato que parte primeiramente do surdo para haver a comunicação entre surdos e ouvintes. No entanto, como já discutimos nas seções anteriores, é cômodo para a elite ouvintista impor uma padronização de corpos a serem seguidos, como o corpo branco, hétero, de classe social mais alta e comunicável. Esse estereótipo, cabe nas implicações do ouvintismo quando o principal atributo a ser seguido por essa ideologia, é seguir o padrão corpo-ouvinte aceitável. Nesse sentido, constrói-se uma idealização em torno da cultura dos ouvintes pelos próprios ouvintes.

Por essas questões que permeiam a narrativa *O Grito da Gaivota* (2000), que a busca pela identidade surda, assim, se torna um processo desgastante. Pois, existe um contexto social na qual a narradora protagonista está inserida, que visa o ouvinte como centro de tudo, e assim o surdo é envolvido por uma idealização criada socialmente. Vejamos nesse trecho de Laborit (2000, p.111) dois pontos: "aquilo que exigimos ao poder público é que nos permita a ir às escolas, formar grupos, organizar conferências para surdos". Ou seja, aquilo que se é exigido é o direito de existir socialmente como um indivíduo surdo pertencente a uma cultura, a uma comunidade surda. Nesse sentido, Skliar (2016, p.30) enfatiza que "o problema não é a surdez, não são os surdos, não são as identidades surdas, não é a língua de sinais, mas sim as representações dominantes, hegemônicas e 'ouvintistas' sobre as identidades surdas, a língua de sinais, a surdez e os surdos". Nesse viéis, o problema reside, na verdade, na maneira como a sociedade ouvintista impõem o ouvinte como norma ideal, que coloca a pessoa com surdez como alguém inferior. Analisemos esse o trecho adiante:

> Por que não se há-de aceitar a imperfeição alheia? Toda a gente tem alguma coisa de imperfeito. Em relação a vocês, que ouvem, a Emmanuelle é imperfeita. Está previsto que se nasça com ouvidos para escutar e boca para falar. Todos iguais. Ser-se o mais possível idêntico ao parceiro ao lado. (...) Os outros ouvem, eu não. Mas tenho olhos, que forçosamente observam melhor do que os deles. Tenho as minhas mãos, que falam. Um cérebro que armazena as informações à minha maneira, segundo as minhas necessidades. (Laborit, 2000, p. 126).

No fragmento acima, percebemos a narradora se questionar em torno dessas implicações que permeiam a pessoa surda. Sendo assim, se perguntando sobre a tendência humana em ver a diferença como algo ruim, ressaltando as suas imperfeições como algo comum e que, mesmo não podendo ouvir, suas mãos podem falar. Nesse sentido, o ouvintismo é carregado por narrativas que não visam o autorreconhecimento das identidades surdas, mas de impor identidades uniformes a serem adotadas. Dessa forma, na mesma página, Laborit (2000, p.126) continua a dizer que "nas pequeninas gaivotas da minha tribo que há espalhadas por todo o mundo. Deixem-lhes a possibilidade de escolher, a possibilidade de se realizarem nas duas culturas". Nessa passagem, a narradora coloca-se a favor do poder de escolha dos surdos, que possam frequentar as duas culturas sem haver uma pressão por parte da cultura ouvinte, em tornar os surdos em ouvintes.

Por essa ótica, conseguimos analisar o ouvintismo como um implicador na busca pela identidade surda da narradora autodiegética. Pois, discutimos neste capítulo, que o propósito dessa corrente preconceituosa é discriminar o sujeito surdo, impondo uma ideologia centrada no ouvinte e, assim, causando uma crise de identidade. Como participante ativa das duas culturas (ouvinte e surda), Laborit evidencia em torno da narrativa, as dificuldades que foram criadas pelos ouvintistas e a não aceitação do surdo como ser humano autônomo e individual. Por fim, Laborit (2000, p.128) esclarece:

> Rotula-nos de punhado de militantes manipulados", receosos de que desapareça o "poder" da língua gestual, "Poder" não, senhor cirurgião, chama-lhe antes "cultura". O senhor não fala de cultura, ternura, partilha; fala de cirurgia, do poder do bisturi, dos eléctrodos, dos sinais codificados.

Em suma, o ouvintismo é o centro de várias práticas violentas contra a identidade surda, já que tendem a tratar a identidade ouvinte como superior em todos os sentidos. Assim, nesse trecho, a narradora protagonista reforça a ideia de que os ouvintistas desumanizam esses sujeitos surdos ao não valorizarem outros aspectos relevantes na construção identitária dessas pessoas. Afinal, o intuito do ouvintismo é desmoralizar outras identidades para reforçar a identidade ouvinte como objetivo a ser seguido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve o intuito de investigar a subjetividade presente na obra *O Grito da Gaivota* (2000) como relato de denúncia ao apagamento da comunidade surda, utilizando das memórias da narradora e a escrita de si presentes na narrativa, como recurso para desmascarar discursos ouvintistas que partiam de uma ideologia dominante: o ouvintismo. A partir da narrativa, percebemos a aproximação do enredo com os fatos narrados pela protagonista Emmanuelle Laborit, evidenciando o que intitulamos aqui como "o silêncio que fala", fazendo alusão a uma comunidade que por muito tempo, foi silenciada por práticas ouvintistas e vem lutando para restaurar uma identidade cultural apagada pela sociedade, ao mesmo tempo que busca autonomia e respeito.

Em *O Grito da Gaivota* (2000), com as memórias da narradora autodiegética, conseguimos analisar como o processo oralista se propagava na França. Percebemos, assim, através da narração, a dificuldade que a narradora sentia com a abolição da língua de sinais. Por isso, centramos na nossa primeira indagação [1] Como as memórias da narradora autodiegética pode contribuir contra o apagamento das pessoas surdas? Graças ao estado de rememoração da narradora, conseguimos visualizar e acessar informações sobre a comunidade surda e responder esse questionamento: as memórias da narradora protagonista permitem acesso direto a conhecimentos básicos sobre o povo surdo. Assim, em posição de um apagamento social, suas memórias colaboram para uma restauração tanto cultural quanto identitária.

Diante disso, partimos para o campo da escrita de si. Dessa maneira, como a obra *O Grito da Gaivota* (2000) tem um teor autobiográfico e parte de uma construção subjetiva, emerge o seguinte questionamento [2] De que modo a escrita de si pode influenciar na resistência das pessoas surdas? Esse questionamento tem uma perspectiva mais ampla, já que engloba o ato de escrever sobre si como uma possibilidade de resistir a imposições hegemônicas em torno da comunidade surda. De acordo com isso, dentro da narrativa, a narradora descreve sobre momentos de exclusão e inferioridade, construindo uma crítica social ao evidenciar que as práticas oralistas consistia em tornar o surdo em um ouvinte, não valorizando de fato a identidade surda. Logo, a escrita de si pode influenciar um povo que, por muito tempo, vivenciou um sistema opressor a resistir, manifestando através da literatura, silêncios que falam.

Por essa ótica, seguimos com o último questionamento levantado da nossa pesquisa [3] De que forma o ouvintismo implica na busca pela identidade da narradora

autodiegética? Ao longo do nosso trabalho, discutimos sobre as práticas oralistas e o quanto esse sistema compactuou para o apagamento cultural e identitário do povo surdo através dos nossos objetivos. Portanto, o ouvintismo implica na busca pela identidade surda da narradora protagonista, a partir do momento em que é proibido utilizar a língua de sinais ou fazer qualquer manifestação a favor da cultura surda, já que um dos objetivos do ouvintismo consistia em afastar esses sujeitos surdos para poder doutriná-los. Assim, observamos que a narrativa, a narradora protagonista sendo vítima de um silenciamento na escola oralista que frequentava. Logo, o ouvintismo, ao mesmo tempo que implica na busca pela identidade surda da narradora, compactua com a crise identitária desses sujeitos.

Em suma, entendemos a narrativa *O Grito da Gaivota* (2000) como um ato de denúncia às práticas ouvintistas que permeiam a história dos surdos; tal qual, um relato de resistência contra a ideologia do ouvintismo. Visto que, Perlin (2016, p.58) ressalta que o discurso surdo "rompe e contesta as práticas historicamente impostas pelo ouvintismo". Sob essa ótica, o *corpus* deste trabalho, construído sobre as percepções de uma mulher surda, rompe discursos construídos historicamente, que apropria-se de pessoas com surdez para moldá-las a imagem convencional. Sob o olhar da narradora protagonista, que transita entre os dois mundos (dos surdos e dos ouvintes), observamos a complexidade nesses discursos na busca pela identidade surda, como também, a relevância das memórias da narradora protagonista ao explorar um passado marcado de estereótipos.

Assim, ao seguir com as nossas considerações finais, destacamos a relevância da própria autora Emmanuelle Laborit para a comunidade surda, visto que, através dos seus feitos, tem alcançado posições que permitem maior visibilidade à disseminação da cultura da comunidade surda, bem como vem lutando pelo direito da liberdade de expressão do sujeito surdo que por muito tempo lhe foi negado pela soberania ouvintista. Dessa forma, *O Grito da Gaivota* (2000) aborda temáticas como identidade, linguagem e preconceito em um teor crítico e sútil, que apresenta ao leitor a autodescoberta de uma pessoa com surdez em uma sociedade predominantemente ouvinte e toda a problemática existente em ser uma pessoa surda.

Em suma, a pesquisa desenvolvida aqui colabora não apenas com os trabalhos acadêmicos realizados sobre a obra *O Grito da Gaivota* (2000), de Emmanuelle Laborit no Brasil, mas também com os poucos estudos voltados à literatura surda no nosso país, que não ocupam muito espaço no âmbito acadêmico. Assim, a partir desta pesquisa,

esperamos que nosso trabalho possa contribuir tanto para projetos futuros que explorem essa ou outras temáticas, quanto para inquietar novos pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea/ Arufch Leonor; tradução, Paloma Vidal. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARBOSA, João Alexandre. O dentro e o fora: a dimensão intervalar da literatura. In**: A leitura do intervalo**. São Paulo: Iluminuras 1990.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: **Lembranças de Velhos**. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo, Editora Horizonte / Rio de Janeiro, Editora da Uerj, 2012.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020. 128 p.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. Porto Alegre: LP&M, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política** / Michel Foucault; organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, lnés Autran Dourado Barbosa. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. O Pensamento do Exterior. In: _. **Estética**: Literatura e Pintura, Música e Cinema. (Ditos e Escritos, Vol. III). Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 219-242.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como *analisar narrativas***. *7. ed.* São Paulo: Ática, 2001.

GINZBURG, Jaime. **Linguagem e trauma na escrita do testemunho**. Conexão letras, Porto Alegre, n. 3, p. 61-66, 2010. Disponível em: Acesso em: 10 out. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
KARNOPP, Lodenir. **Literatura surda**. Florianópolis: UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

HIDALGO, Luciana. **Autoficção brasileira**: influências francesas, indefinições teóricas. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 218-231, jan./jun. 2013.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação** (UFPel), v. 19, p. 155-174, 2010.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas dos outros**: o retorno do autor e a virada etnográfica. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. 170 p.

KILOMBA, Grada, 1968 - **Memórias da plantação** - Episódios de racismo cotidiano. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LABORIT, E. **O grito da gaivota**. 2 ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Tradução de Jovita Maria Gerhein Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008 [original 1975].

MATA, Juan. "**Fuera de sí**". In: Palabras por la lectura. Consejería de Cultura de la Junta de Castilla-La Mancha, 2007.

NEVES, Claudete Marques das. **Literatura Surda:** uma literatura descolonizadora. / Claudete Marques das Neves. – Porto Velho: UNIR, 2015. 66 p. il.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade** / Michèle Petit; tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini – São Paulo: Editora 34, 2010 (2ª edição).

PERLIN, G. T. T. **Identidades Surdas**. in Skliar, C. (Org.) - A Surdez Um Olhar Sobre As Diferenças. Porto Alegre Mediação, 2013, P. 51-73.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. **Cultura e identidade surdas:** encruzilhada de lutas sociais e teóricas**.** Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 91, p. 565-582, mai./ago. 2005. Disponível em: http://www.cedes. unicamp.br. Acesso em: 10 de outubro de 2024.

SANTOS, Rosilene Aparecida Froes. **Literatura surda** [manuscrito]: a escrita de si e a constituição identitária do Sujeito Surdo/Rosilene Aparecida Froes Santos. – Montes Claros, 2021.

SÁ, Nidia R. L. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. São Paulo: Paulinas, 2010.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças / – 8. Ed. – Porto Alegre: Mediação, 2016.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008a.

ZACCHI, Vanderlei J. **Discurso, poder e hegemonia**: dilemas do professor de língua inglesa. Campinas, 2003. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.